

Resumo expandido da comunicação apresentada no II Encontro da Pesquisa em Pós-Graduação e Iniciação Científica da área de francês.

Laura Taddei Brandini, doutoranda nas universidades de São Paulo e de Genebra.

Orientadoras: Profa. Dra. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto e Patrizia Lombardo.

A recepção da obra de Roland Barthes em São Paulo

Esta comunicação visa a sintetizar meu projeto de tese de doutorado e os primeiros resultados obtidos, desde fevereiro de 2009. Estudo a recepção da obra de Roland Barthes no Estado de São Paulo do ponto de vista das relações culturais entre o Brasil e a França, na Universidade de São Paulo e na Universidade de Genebra, em co-tutela, sob as orientações das Prof^{as} Dr^{as} Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto (USP) e Patrizia Lombardo (UniGe).

A periodização da recepção de Barthes em São Paulo delimita-se entre 1953, ano da publicação de seu primeiro livro, *Le Degré zéro de l'écriture*, e 2003, quando se realizou o colóquio internacional “Roland Barthes, o saber com sabor” (de 29 de setembro a 1º de outubro) na Universidade de São Paulo (USP), com a participação de especialistas da obra de Barthes, a saber Leyla Perrone-Moisés, organizadora do evento e principal divulgadora da obra de Barthes no Brasil, Antoine Compagnon e Philippe Roger, dentre outros. Esse colóquio foi o primeiro evento internacional realizado no Brasil dedicado a Barthes, e por conseguinte um momento de revisão dos aportes de sua obra no país.

O período selecionado compreende um momento de transição para a crítica literária brasileira, que interfere na recepção das teorias literárias estrangeiras no Brasil: até os anos 1960, a crítica literária e as discussões teóricas aconteciam nas páginas dos jornais, pois a primeira universidade brasileira – a Universidade de São Paulo (USP) – havia sido fundada somente em 1934. Porém, com o desenvolvimento da USP e com a fundação de novas universidades e faculdades, nos anos 1960 e 1970 essa realidade começou a mudar. Nessa época, a crítica ganhou um novo espaço de ação com a consolidação dos departamentos de literatura. Assim, se as reflexões sobre a literatura viam seu espaço diminuir na imprensa de divulgação de massa, as salas de aula, as defesas de tese, os ensaios e os artigos das revistas acadêmicas relançavam apaixonadamente o debate literário.

O estudo da recepção de Barthes em São Paulo deve, portanto, contemplar tanto os textos sobre o escritor publicados em um veículo de divulgação de massa, o jornal, quanto o aproveitamento de seus conceitos junto à universidade, que pode ser aferido sobretudo com a análise de textos publicados em revistas acadêmicas. O primeiro Barthes, cujo reflexo foi mostrado exclusivamente pelo jornal, ainda nos anos 1950, e os Barthes dos anos subsequentes, partilhados pelo jornal e pela universidade, teriam algo em comum? Quais teriam sido as imagens de Barthes

veiculadas pela imprensa de massa, e quais teriam sido os conceitos de Barthes assimilados nas universidades? Esses Barthes tocar-se-iam em algum momento?

Para responder a essas perguntas, integram o *corpus* da tese duas publicações: o jornal *O Estado de S. Paulo* e a revista *Língua e Literatura*.

Já iniciei a análise dos textos encontrados no *Estado...*, os que citam Barthes sendo em número de 125. Também foram recolhidos e serão objeto de análise textos que não citam o escritor francês, mas que abordam temáticas adjacentes e complementares à recepção de Barthes, e que foram agrupados sob os seguintes títulos: “Tendências da crítica brasileira”, “A universidade no Brasil”, “A recepção à Nova Crítica no Brasil” e “Cultura francesa no Brasil”. Sob esses campos temáticos foram recolhidos 381 textos, selecionados de forma subjetiva, conforme abordavam os assuntos citados. Sua função é a de fornecer às análises dos textos que citam Barthes subsídios de ordem contextual, que contribuam à compreensão das leituras feitas das obras e ideias do escritor francês.

Em uma fonte de documentos tão vasta e heterogênea como o é o *Estado...*, procurar textos sobre Barthes é o mesmo que procurar agulhas em um palheiro. Dentro da periodização estudada (1953-2003), o jornal naturalmente sofreu muitas transformações em sua estrutura e organização: de janeiro de 1953 a dezembro de 2003, o *Estado...* passou do jornal que dificilmente contava com mais de 90 páginas aos domingos às mais de 250 páginas dominicais (desde os anos 1970); do jornal que não circulava às segundas-feiras e nem depois de feriados ao cotidiano publicado sete dias por semana (desde outubro de 1991); do jornal exclusivamente em preto e branco às grandes fotografias coloridas presentes em todos os cadernos do jornal atual (desde outubro de 1991); do jornal que não tinha mais do que três grandes cadernos, sem títulos e identificados apenas por números ordinais, aos mais de quinze cadernos existentes na atualidade (aumentando progressivamente desde o final dos anos 1960); de “Literatura e Arte”, caderno acanhado, perdido entre as intermináveis páginas de anúncios, publicado exclusivamente aos domingos, ao “Caderno 2” diário (desde abril de 1986) e ao “Caderno 2/ Cultura” dos domingos (de junho de 1986 a março de 2010), sem esquecer o já lendário “Suplemento Literário” dos sábados (de 1956 a 1974).

Tendo-se em vista que este trabalho se debruça sobre a recepção de um escritor francês, espera-se que, em um jornal, os ecos sobre suas obras e suas ideias sejam veiculados predominantemente nos cadernos culturais. Por essa razão, faço um resumo dos espaços dedicados à cultura no *Estado...* dentro da periodização estudada: “Literatura e Arte” (até 1959), “4º Caderno”, “5º Caderno” e “7º Caderno” (1959-1970), “Suplemento Literário” (1956-1974), “Suplemento Cultural” (1976-1980), “Cultura” (1980-1991) e “Caderno 2/ Cultura” (1991-2010).

No entanto, até a criação do “Suplemento Literário” e no intervalo de dois anos entre a extinção deste e a criação do “Suplemento Cultural”, as reflexões sobre cultura eram também publicadas quase em qualquer parte do jornal. “Literatura e Arte” e os cadernos identificados por ordinais dispunham de um espaço exíguo e não comportavam o volume de colaborações existente. Por essa razão, de 1953 a 1956 e de 1974 a 1976, todas as páginas do jornal foram pesquisadas. No resto da periodização, a pesquisa se limitou aos cadernos culturais e sociais.

O estudo do *corpus* permitiu-me distinguir quatro momentos dentro da recepção de Barthes no *Estado...*, a saber:

- Anos 1950: incompreensão;
- Anos 1960: apresentação;
- Anos 1970: debates;
- A partir dos anos 1980: referência.

A divisão acima fundamenta-se não somente em balizas cronológicas, mas leva em conta as características gerais dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho. A recepção de Barthes deu-se em função do ritmo não só com que suas obras se fizeram conhecer pelos intelectuais brasileiros, como também em função do crescente interesse despertado pelas pesquisas desenvolvidas à luz da linguística, desde os anos 1960. Por essa razão, se nos anos 1950 Barthes quase não foi notado pela crítica brasileira, esta começava a manifestar-se sobre o *New Criticism*, cujos ecos, ainda longínquos, aos poucos se faziam ouvir no Brasil, e que preparariam a recepção à *Nouvelle Critique*. Nas duas décadas seguintes, o incremento dos estudos linguísticos nas universidades brasileiras e a tradução sistemática de numerosas obras sobre o assunto, promovida sobretudo pela Editora Cultrix, de São Paulo, tiveram papel fundamental na recepção de Barthes, propulsionando-o a um lugar de destaque na onda de estudos geralmente classificados como “estruturalistas”. O jornal, nessa época, ainda caminhava junto da universidade e constituía um espaço de discussões acadêmicas. Dos anos 1980 em diante, o hiato entre jornal e universidade foi definitivamente estabelecido e de Barthes, no *Estado...*, restaram a referência como intelectual ímpar e os ecos do sucesso de *Fragments d'un discours amoureux* (1977), traduzido pela primeira vez no Brasil em 1981, a partir do qual foi montada uma peça de teatro.